

# humanitas

Vol. XXV-XXVI

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HVMANITAS

VOLS. XXV E XXVI



COIMBRA  
MCMLXXIII-IV



língua e de terminologia de doutrina, mas não de estrutura redaccional, o que dá aos 4 livros da *Imitação* uma certa independência, que explica a difusão destes opúsculos, isolados ou agrupados, até virem a formar a coleção hoje conhecida com aquele nome.

Ainda no mesmo capítulo, o A. discute o problema dos vários títulos atribuídos não apenas ao conjunto da obra, mas também a cada um dos livros em particular, e termina pondo nos seus devidos termos a questão fundamental do seu trabalho, que é o apuramento — ou um contributo para isso —, à luz da crítica histórica, do verdadeiro autor da *Imitação*. Para tal, expõe alguns princípios prévios de investigação, sobre a heurística e a crítica textual. Dentro do problema da autenticidade, crítica particularmente o valor dado por certos imitacionistas (Huijben e Debongnie; Bonardi e Lupo) ao anonimato intencional como critério de autoria.

No capítulo II, Ampe faz um longo historial sobre as atribuições da autoria da *Imitação* ao longo dos séculos, que ele divide em três períodos. O primeiro é o das «atribuições espontâneas» durante o séc. XIV em que, ao lado de um grande número de manuscritos anónimos, surgem muitos outros que apresentam uma larga variedade de atribuições, as quais, conforme o A. demonstra, não resistem a um exame sério de crítica histórica, nem são explicáveis por situações codicológicas concretas. Neste período das atribuições espontâneas passam por autores da *Imitação*, entre outros, S. Bernardo (em vários códices), o cartuxo Ludolfo de Saxónia (a partir de uma tradução francesa de um texto em alto alemão), Tomás de Kempis (desde o chamado *Autógrafo*, de 1441), João Gerson, chanceler da Sorbona (no incunábulo de Veneza, de 1483, e noutros mss.) e João Gersen, que o A. conclui ser o mesmo chanceler da Universidade de Paris (em inúmeros mss.).

O segundo período, a partir do séc. XV, é o das «afirmações e negações simples» em que os copistas, bibliógrafos e editores se deram conta das várias atribuições e, durante algumas décadas, tomaram a iniciativa de aceitar apenas uma e rejeitar todas as outras, sem todavia apresentarem argumentos a favor ou contra.

A partir do séc. XVII até aos nossos dias surge o «período das controvérsias» caracterizado pela preocupação de resolver o problema da autenticidade mediante a apreciação dos elementos bibliográficos. As primeiras tomadas de posição ( $\pm$  1602-1644), do jesuíta Rossignoli e outros, tiveram pouco valor crítico, tendo-se chegado a uma «era de posições reforçadas» em que se fez inclusivamente apelo a decisões oficiais. Mas foi nesta fase que surgiu um positivo trabalho de investigação científica no domínio da paleografia e da documentação histórica, que abriu caminho para a «era das grandes sínteses» nos sécs. XIX e XX, em que, segundo opinião do A., houve talvez mais entusiasmo e convicção do que clarividência.

No capítulo III, o último, Albert Ampe reconhece que, apesar de tanto estudo já feito, o problema da autoria da *Imitação de Cristo* continua insolúvel. Como contributo muito pessoal, o A. apresenta novas pistas de investigação, com o estudo e apreciação de três manuscritos — o *C. Ratisbonensis VI*, o *C. Tegernseensis 10* e o *C. Brullensis* — que, além do texto imitacionista, contêm um *Tractatus ad Fratrem Conradum de Fritzlara*, monge já mencionado em 1363, o que faz anteceder a dada da origem da *Imitação*. Ampe não pretende, com esta abordagem, resolver todo o problema implícito nestes novos documentos e deixa a discussão em aberto, em vista a pesquisas mais demoradas e mais profundas. Ele mesmo o declara e

o demonstra com a adição final de onze páginas de longos *addenda* que apresentam novas reflexões surgidas já depois das provas do texto primitivo.

Para além do valioso contributo do presente trabalho na tentativa de aclarar o problema da autenticidade da *Imitação de Cristo*, ele é um exemplo prático e precioso de como se deve fazer crítica literária e histórica. A argúcia com que sonda os fundamentos da argumentação até aqui utilizada na defesa das teses imitacionistas tradicionais, pondo à prova a sua consistência, é, a nosso ver, o maior mérito da obra de Albert Ampe.

O volume está bem apresentado, tem uma bela impressão e vem enriquecido com uma ampla bibliografia (embora limitada, como previne o autor), e com três índices: um onomástico, outro dos manuscritos mencionados e um índice geral. Escaparam algumas pequenas «gralhas» de somenos importância (1).

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO

ISIDORO MUÑOZ VALLE, *Actitudes ante la cultura clásica a lo largo de la historia*, Madrid, 1971, 176 p.

O autor condensa numa centena e meia de páginas a principal problemática das ideias e teorias estético-filosófico-literárias relativas à cultura clássica desde as origens até à actualidade.

Muñoz Valle dividiu o trabalho em quatro partes. Na primeira, dedicada à Antiguidade, analisa o esboço de crítica literária feita na Idade Arcaica quer por autores isolados quer por grupos, passando pelos sofistas gregos e sua influência na arte oratória de Roma republicana; aprecia as posições de Platão e de Aristóteles sobre a literatura tradicional, e critica as ideias estético-literárias destes, particularmente sobre os géneros literários e sobre a concepção de arte e poesia; refere-se à valiosa contribuição, dentro do Helenismo, dos Peripatéticos, dos Alexandrinos e da Escola de Pérgamo na salvação da literatura grega, e à influência da retórica na educação; define os conceitos de Aticismo e de Asianismo e aborda os principais problemas levantados por estas duas «escolas» literárias, e, finalmente, traça as linhas gerais das teorias literárias nos finais do Império e na época bizantina.

A segunda parte é dedicada ao Renascimento, em que surgem novos conceitos sobre a arte e a literatura em oposição aos que predominavam na Idade Média.

(1) Entre elas contam-se, por exemplo: *tenante* p. 15, l. 23 (sem pontuação); *uu* 17, 10; *la vita illuminativa et la vita unitiva* 17, 21 (em vez de: *la vita illuminativa et la vita unitiva*); *du coup*. 20, 7; *der erreurs* 48, 8; *intéresse* 52, 11; *aput| ford* 62, 20-21; nota 8, p. 68; *apporta* 78, 12; *constation* 98, 9.

O autor fala do Neoclassicismo e dos seus aspectos negativos e dedica especial atenção aos Humanistas, ao seu labor literário e editorial particularmente na Itália e em Espanha. E termina esta segunda parte com um capítulo dedicado à filologia pós-romântica principalmente francesa, holandesa e inglesa.

A terceira parte dedica-a o autor ao Neo-humanismo e à sua posição perante a ciência da Antiguidade; define as características deste movimento e evoca os seus principais representantes na Alemanha. Analisa o trabalho desenvolvido dentro da filologia clássica nos séculos XVIII e XIX e apresenta as tendências literárias dos principais filólogos classicistas destes séculos, em que floresceu a perspectiva historicista no domínio destas ciências, e termina com uma referência à tentativa de superação do Historicismo.

A quarta e última parte passa em revista os recentes progressos da filologia clássica, as novas tendências das ciências literárias em geral e os seus reflexos na cultura greco-latina; apresenta uma visão conjunta da elaboração da história da literatura grega no século XX em geral e de estudos parciais estilístico-literários dedicados a autores isolados: Homero, Hesíodo, Safo, Píndaro, Ésquilo, Sófocles, Eurípides e Aristófanes. Termina com algumas páginas dedicadas ao conteúdo político-social da tragédia e da comédia, à consideração sobre os vários géneros literários e sobre o recurso de determinados meios estilísticos, sobre a sociologia da literatura, sobre a literatura comparada, etc.

Este trabalho de Muñoz Valle, pelo seu carácter sintético, não podia tratar com profundidade nenhum dos temas nele abordados, mas fá-lo com particular clareza e sentido didáctico, apresentando uma visão panorâmica dos principais problemas ligados à cultura clássica, o que faz dele valioso contributo às obras de iniciação nesta matéria.

Possui um extenso e bem elaborado índice dos assuntos tratados que muito o valoriza, e só é pena não possuir um índice de nomes próprios, que é sempre útil mesmo em obras de pequeno vulto.

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO

MÁRIO BRANDÃO, *Estudos Vários*, vol. II. Acta Universitatis Conimbricensis. Coimbra, 1974, 320 p.

O Doutor Mário Brandão, que nos tem habituado à competência da sua investigação em variados domínios, particularmente no que respeita à vida da Universidade de Coimbra e à cultura portuguesa do séc. XVI, reuniu neste 2.º volume dos seus *Estudos Vários* (1) alguns trabalhos publicados desde 1938 e todos mais ou menos relacionados com a *Alma Mater*. «Prejuízos causados à Universidade

(1) O Volume I saiu a lume em 1972, também em Coimbra.

pela terceira invasão francesa» (2) é um artigo que vem acompanhado de preciosos documentos inéditos alguns extraídos da Biblioteca outros do Arquivo da Universidade e relativos à passagem por Coimbra das tropas francesas comandadas por Masséna. Aí historia o A. o comportamento do exército invasor para com a população e particularmente para com os bens da Universidade; «O epistolário de Nicolau Clenardo» é uma longa recensão publicada em *Biblos*, vol. XVI, t. II, pp. 700-705, sobre a publicação da correspondência de Clenardo por Alphonse Roersch (3), em que o Doutor Mário Brandão evoca outros investigadores que se dedicaram ao mesmo tema; «Die Universität Coimbra», um trabalho já impresso em 1942 (4), resume a história da Universidade de Coimbra desde a sua fundação até à actualidade e põe em relevo o seu papel dentro da cultura portuguesa; «Uma carta do P.º Inácio Tolosa» (5) revela um documento relativo ao Brasil, encontrado pelo autor no Arquivo da Universidade de Coimbra, que consta de uma carta autógrafa do jesuíta espanhol Inácio Tolosa, escrita do Brasil quando este lá exercia as funções de Provincial da Companhia por nomeação de S. Francisco de Borja. O Doutor Mário Brandão aproveita a publicação deste documento para elaborar um precioso itinerário biográfico do seu autor. O trabalho seguinte, com o título «Marcial de Gouveia und seine Beziehungen zu Erasmus und Melanchthon» (6), analisa as relações do humanista Marcial de Gouveia com Erasmo quando da sua passagem por Basileia, de quem recebera elogios, e com Melanchton em Friburgo. O artigo «Doutor António de Vasconcelos» é um panegírico àquele que foi um dos maiores mestres da *Alma Mater*, pronunciado na Academia Portuguesa da História, em 16 de Dezembro de 1942, ano imediato à morte do homenageado. «Antero de Quental estudante da Universidade de Coimbra» é um trabalho de 123 páginas constituído pelas notas com que o A. fez acompanhar há anos a publicação de alguns documentos (7) relativos à vida académica do poeta açoreano. Nele analisa o autor muitos dos acontecimentos em que esteve envolvido o poeta, como a fundação da «Sociedade do Raio», a visita a Coimbra do príncipe Humberto, herdeiro da coroa de Itália, a revolta dos estudantes contra o reitor Sousa Pinto, a «Rolinada» e o êxodo da Academia para o Porto, e outros. É um valioso estudo sobretudo pela correcção feita a alguns dados tradicionais sobre a matéria. «A Escola Pública de Alcobaça, um embuste da historiografia alcobacense» foi uma comunicação apresentada pelo Doutor Mário Brandão no Congresso Histórico de Portugal Medieval em Braga em Novembro de 1959 e que veio a ser publicado no *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, Ano V, n.ºs 19-20. Trata esta «nótula» de demonstrar que o autor da *Alcobaça Ilustrada*, Fr. Manuel dos Santos, na intenção de reivindicar para

(2) Publicado em Dezembro de 1938.

(3) *Correspondence de Nicolas Clénard*, t. I (texto), t. II (notas), t. III (tradução), Bruxelas, 1940-1941.

(4) Vd. *Europäischer Wissenschafts-Dienst* 15, Berlin, 1942.

(5) Artigo publicado na revista *Brasília*, vol. II, Coimbra, 1943, pp. 577-585.

(6) Publicado na *Revista do Instituto de Cultura Alemã*, Vol. I, Lisboa, 1944, pp. 29-49.

(7) Vd. *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. XXIII, Coimbra, 1957.